

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM PROJETOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL: PROCESSOS E DESAFIOS DO FAZER JUNTO

PEDAGOGICAL COORDINATION IN CULTURAL MEDIATION PROJECTS: PROCESSES AND CHALLENGES OF MAKING TOGETHER

Valquíria Prates / JACA CAT

Cauê Donato / JACA CAT

Pompea Tavares / JACA CAT

Tatiana Duarte / JACA CAT

RESUMO

Este artigo busca cartografar algumas das principais questões e ações relacionadas ao trabalho desenvolvido pela coordenação pedagógica em projetos de mediação cultural, buscando evidenciar aspectos e atividades que, embora sejam fundamentais para o desenvolvimento de programas e projetos, nem sempre são identificados ou nomeados como parte integrante das atribuições deste profissional. Em diálogo com a proposta do encontro da ANPAP em 2020, abordamos a *dispersão* como metáfora presente em pelo menos três instâncias da atuação da coordenação pedagógica: a dispersão que se constrói como mecanismo de atualização das práticas; a dispersão que ocorre como reverberação dos saberes de experiência de educadores e do público; as dispersões que nascem dos encontros que constituem os acessos e a diversidade na mediação cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação cultural; Coordenação pedagógica; Formação de educadores; Pesquisa em mediação cultural

ABSTRACT

The text deals with some of the main issues and actions related to the work developed by the pedagogical coordination in cultural mediation projects, seeking to highlight aspects and activities that, although they are fundamental for the development of the program, are not always identified or named as integral part of the educators attributions. In dialogue with the 2020 ANPAP's conceptual proposal, we approach dispersion as a metaphor present in at least three instances of pedagogical coordination: the dispersion

that is built as a mechanism for updating practices; the dispersion that occurs as a reverberation of the knowledge of experience of educators and the public; the dispersions that arise from the encounters that constitute access and diversity in cultural mediation.

KEYWORDS

Cultural mediation; Pedagogical coordination; Educator training; Cultural mediation research

Coordenação pedagógica em projetos de mediação cultural: processos e desafios do fazer junto

Este artigo utiliza a metodologia cartográfica (PASSOS, ESCÓSSIA & KASTRUP, 2015) para mapear processos de coordenação pedagógica no âmbito de um trabalho de mediação cultural em artes visuais. As reflexões traçadas resultam do mapeamento de diários e registros de apontamentos da equipe de coordenação pedagógica nacional do Programa CCBB Educativo Arte & Educaçãoⁱ, realizados no âmbito das reuniões e ciclos formativos que ocorreram entre os anos de 2019 e 2020ⁱⁱ. É de nosso interesse, como pesquisadores-cartógrafos, apresentar neste texto algumas considerações e reflexões acerca do exercício da coordenação pedagógica elencando procedimentos, estratégias e modos de organização de equipes de educadores e estagiários, apontando passos dados, caminhos escolhidos e o encadeamento de ideias no momento da produção de conhecimento a partir dos saberes de experiência de cada integrante dos grupos de trabalho.

Em diálogo com a proposta do encontro da ANPAP em 2020, abordamos a dispersão como metáfora presente em pelo menos três instâncias da atuação da coordenação pedagógica: a) a dispersão que se constrói como mecanismo de atualização das práticas e rotinas; b) a dispersão que ocorre como reverberação dos saberes de experiência de educadores e do público e c) as dispersões que se originam dos encontros, gerando estratégias e políticas de acesso e estimulando a diversidade na mediação culturalⁱⁱⁱ.

Dispersão como mecanismo de atualização de práticas

No Programa CCBB Educativo Arte & Educação, o núcleo de profissionais e estagiários que se dedicam a realizar e pesquisar a mediação cultural é composto

por: a) uma direção artística nacional; b) uma equipe de coordenação pedagógica, orientada por uma coordenadora pedagógica nacional e quatro coordenadores pedagógicos locais, que atuam individualmente nos Centros Culturais Banco do Brasil das cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Brasília; c) os coordenadores locais, que são responsáveis pela curadoria da programação e pela gestão das atividades da equipe do programa em cada cidade; d) quatro educadores e um número variável^{iv} de estagiários com formação em graduações das humanidades.

Cabe à coordenação pedagógica, local e nacional, trabalhar de forma integrada em todos os polos de atuação do programa, planejando, projetando, revisando, avaliando e pesquisando junto das equipes, ou seja, apontando direções e traçando linhas de força na realização do trabalho pedagógico. Também faz parte das atribuições da coordenação pedagógica desenvolver pesquisa e processos formativos ou de orientação para todos profissionais mencionados acima, por estarem envolvidos nas atividades do programa direta ou indiretamente, na interface com educadores ou públicos.

Suas atribuições guardam algumas semelhanças com o trabalho dos coordenadores pedagógicos que atuam na educação formal, conforme pudemos identificar na tese da pesquisadora Isaneide Domingues (2009, 24-29), que se dedicou a elencar e refletir sobre as atribuições e percursos formativos destes profissionais em escolas públicas municipais de São Paulo. Em diálogo com seus estudos, destacamos aqui as características que partilhamos com estes profissionais em atuação nas escolas quando trabalhamos em instituições culturais: 1. orientamos a preparação e planejamento de propostas e projetos pedagógicos com educadores; 2. criamos e fazemos a gestão da implementação de cronogramas e agendas para realização de propostas e projetos; 3. coordenamos a criação de cronogramas e protocolos de atuação e conduta para os profissionais envolvidos; 4. implementamos a formação contínua em horário coletivo de trabalho com relativa autonomia na escolha de saberes em foco (conteúdos e metodologias); 5. lidamos com especificidades da missão e agenda da instituição em que atua e seus ciclos; 6. podemos vir a produzir conhecimento específico para partilha com os profissionais de sua área de atuação; 7. não tivemos formação específica para desempenhar nossas atribuições de trabalho, mas desenvolvemos e adaptamos, frequentemente a partir de nossos saberes de experiência, um conjunto de estratégias e ferramentas para realizar formações, planejar projetos, fazer a gestão de sua realização e avaliar as propostas realizadas, de maneira coletiva ou individual.

Em relação ao último item mencionado, vale lembrar da pesquisa de doutorado da professora Luiza Christov, que levanta a hipótese de que na coordenação pedagógica “nos formamos em exercício”:

Permito-me registrar a hipótese de que os coordenadores pedagógicos ouvidos nesta pesquisa – e tantos outros educadores com os quais tenho atuado em diferentes projetos de educação continuada – não reconhecem a formação inicial como *locus* de preparo para o exercício da profissão porque, na maioria das vezes, foram espectadores da verdade científica apresentada por seus professores, sem serem provocados a questionar e a criar suas hipóteses para compreender as teorias e as realidades às quais se referiam. Viveram uma relação distanciada com o conhecimento, quando não negadora deste, afastando-se da possibilidade de se perceberem produtores de conhecimento (CHRISTOV, 2001, p.138)

Para atender à necessidade de formação de nosso próprio grupo de coordenadores pedagógicos em exercício no programa, realizamos reuniões gerais à distância uma vez por semana, para partilha e estruturação de propostas, bem como reuniões individuais da coordenação nacional com cada coordenador local para tratar de contextos específicos. Além disso, três vezes ao ano ocorrem encontros de imersão, que são como residências presenciais, com a participação de todos os coordenadores pedagógicos, para tratar das questões relacionadas ao seu projeto político pedagógico, atualizar metodologias empregadas nas atividades, trocar saberes de experiência de cada um dos núcleos, alinhar as propostas de gestão do programa que foram atualizadas e compactuadas entre a direção geral, artística e pedagógica nacional e as coordenações locais nos encontros de gestão realizados também a cada quatro meses.

No dia-a-dia da coordenação pedagógica, estão sob a orientação de cada coordenador um grupo de mediadores, que são os educadores graduados e os estagiários em formação. Entre 2019 e 2020, o programa contou com um grupo de 16 educadores, atuantes em grupos de 4 profissionais por cidade, contratados em regime de CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Além disso, integram o programa um grupo variável de estagiários, numa média de 2 a 3 estudantes que são afiliados em grupos de trabalho junto de um educador graduado, como forma de cumprir uma formação paralela à realização de sua graduação. Os educadores e estagiários têm formação na área de Humanas, muitas vezes tomando contato com as artes visuais e a educação pela primeira vez no programa, embora existam diversas pessoas no grupo que passaram por outras instituições e projetos de mediação anteriormente. O trabalho desenvolvido por esta equipe consiste em preparar e realizar atividades com públicos de diferentes idades, classes sociais e

condições físicas e mentais, escolares ou não. Em nossa programação são contempladas visitas (agendadas ou não; de escolas ou não-escolares) a exposições temporárias e percursos para promover acesso ao patrimônio cultural, desenvolver e praticar atividades de ateliê em linguagens diversas e o desenvolvimento de publicações e materiais de apoio às atividades realizadas. Em paralelo a isto, alguns dos educadores participam da realização de parcerias de cooperação técnica com instituições de ensino e apoio social, realizando trocas com seus profissionais e usuários.

Em relação à gestão das equipes, dentro do espectro do trabalho, estamos inseridos em um sistema de organização básica, onde geralmente um conjunto de pessoas está sob a coordenação de alguém em grupo menor. Nesse sentido, a questão passa a ser: como fazer? Como gerimos equipes multidisciplinares? Como administramos temperamentos, desejos e visões de mundo tão distintas? Como atuamos na diversidade? Como atuamos de forma democrática, tentando garantir a realização das propostas?

Cada programa educativo carrega suas singularidades. Os projetos são únicos, com visão, missão e valores distintos, baseadas nos atores envolvidos na sua construção, envolvendo quem planejou a estrutura mais ampla que constitui os projetos e programas e quem realiza cada atividade. Sendo assim, a singularidade também marca a atuação individual dos educadores, em grupos de pessoas oriundas de diferentes contextos, realidades e formações.

Os indicadores de qualidade nas práticas dos programas educativos costumam estar ligados a vários aspectos/expectativas institucionais que são quantitativos e geralmente servem para balizar a regulação dos recursos (fomento, agendas da instituição cultural à qual o projeto está vinculado, captação e gestão dos recursos etc.) a partir da presença dos públicos. Fundamentalmente, do ponto de vista da realização de atividades de mediação cultural, precisamos desenvolver outros indicadores que não os quantitativos, para elencar e nomear a qualidade que reside nas relações construídas com as pessoas que participam das atividades dos programas e projetos, sendo um importante fator de regulação de processos a aferição e a avaliação, bem como de formação para planejamento e realização das propostas, todos estes que são trabalhos desenvolvidos pela coordenação pedagógica dos projetos junto dos educadores. Não é possível planejar sem levar em conta os números e os recursos, bem como não é possível avaliar sem conhecer o teor das atividades realizadas. Além disso, é preciso romper com o equívoco de confundir qualidade com grande número de pessoas participantes – nem sempre estes dois fatores caminham lado a lado.

Está na coordenação pedagógica um dos principais eixos de convergência das relações que se estabelecem em programas educativos de mediação cultural, sintetizado em ações de cuidado nos processos de comunicação e atendimento interno e externo, pois são suas atribuições a articulação e a formação com vistas à transformação. Uma das pistas para a prática o método cartográfico, apresentadas por Passos, Kastrup e Escóssia (2015) é a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador. Assim, temos duas características complementares à atuação cotidiana: atuamos na mediação e comunicação. Como mediadores, precisamos conseguir decodificar as proposições programáticas do projeto pedagógico e da programação e articulá-las junto aos educadores, viabilizando as propostas de mediação. A comunicação entre áreas do programa e com a instituição é crucial por possibilitar que a informação correta e precisa circule entre coordenações (para acesso a recursos), demais educadores (para que outros possam aderir às propostas ou reconhecer suas próprias possibilidades de atuação) e públicos (oferecendo ao departamento de comunicação as informações adequadas para que as pessoas entendam qual tipo de proposta será realizada nas programações). O entrelaçamento destas relações é um aspecto chave para uma boa gestão, portanto, quando estruturamos mecanismos e ferramentas de gestão e acompanhamento cotidiano das equipes, realizamos articulações entre os diversos atores que permitem e permeiam os processos de mediação cultural. Tendo a formação como ponto chave para fomentar as diferentes abordagens que os educadores podem ter em suas vivências, para, enfim, transformar o ambiente cultural em um espaço que busque acessibilidade universal, caibam todas as idades e ideias, valorize os saberes e identidades plurais e promova encontros dialógicos entre práticas artísticas e práticas educativas.

Dispersão como modo de reverberação dos saberes de experiência de educadores e públicos

Dentro do Programa CCBB Educativo - Arte & Educação, bem como em outros programas e projetos de mediação, todo o trabalho realizado é regulado por limitações de articulação de usos dos tempos. O relógio pode ser grande aliado ou inimigo do cotidiano de trabalho, logo a sua gestão como recurso valioso é uma questão fundamental ao lidar com uma equipe multidisciplinar e com olhares distintos sobre fazer mediação cultural.

Para nós, está claro que a formação - que diz respeito à construção e criação por meio da partilha de ideias e saberes - é fundamental como prática do encontro portas adentro, na equipe. É durante esses processos que podemos potencializar os vetores comuns que caracterizam o grupo, seja: no contexto de uma temática, como a de uma exposição em cartaz; em torno das práticas que constituem o profissional educador(a) em instituição cultural; o processo de evidenciar as diferenças em cada modo de praticar a mediação; os aspectos que fazem cada encontro com o público nos modificar e transformar a mediação em diálogo profícuo de ideias e reflexões.

Estar entre muitos educadores e estudantes implica conviver com o dissenso buscando encontrar pontos de encontro, intercessões, adensamentos, tensões entre as trajetórias que cada um vai percorrendo. Os conteúdos disponíveis a serem mediados, sejam os relacionados às exposições, ao patrimônio cultural ou a temas específicos elencados pelo grupo de educadores, são importantes marcadores sobre os quais pousamos a vista, o gesto, a estadia, o fazer. Neles nos encontramos e nos afetamos com diferentes modos de estar na mediação. Alguns dos pontos mencionados acima como interfaces da mediação intensificam, por sua própria natureza, o dissenso, que com seu calor aquece os ambientes e nos fazem retomar percursos e atualizar caminhos já demarcados pelas pegadas de outros.

Como uma fenda, o dissenso se faz membrana fina e sutil dos projetos educativos, permitindo o contato entre mundos, visões e ideologias. É preciso buscar essas passagens, escolher atravessá-las com a coragem de quem não sabe, antes de fazer, o como fazer. Escolher, por alguns instantes, viver o interior dessa fenda, noturna e dissonante, que implica desatar os nós, desfazer-se de dogmas, máximas, certezas e verdades. Viver e mobilizar desejos, como diante da *Étant Donnés* de Marcel Duchamp, vislumbrando o porvir de um lugar comum, misterioso, mas passível de trocas prazerosas.

E para ser prazeroso, é preciso que possam participar muitos e diversos, assim como para ser sustentável precisa ser prazeroso. Para tanto, é necessário traçar algumas linhas que conectam as ações, ideias, atividades e intervenções à origem comum da atuação em processos dialógicos de transformação de ideias para a geração de mudanças em contextos específicos, sem perder de vista as muitas intervenções, eventos e ações públicas que fazem parte das ações que realizamos ao mesmo tempo em que ainda estão presentes em movimentos de educação social, rural e movimentos de lutas pela conquista e consolidação de direitos sociais, como por exemplo, as lutas de mulheres, a luta LGBTQIA+, as lutas étnico-

raciais, a luta antimanicomial, a luta pela inclusão de pessoas com deficiência, dos direitos indígenas, dos direitos da criança e dos jovens, das pessoas em situação de imigração, de todas as pessoas sem terra e sem teto, isso só para citar os movimentos mais organizados na atualidade. Alinhar com todas estas vozes é um desafio que demanda construção de redes dissonantes, muito estudo e busca de possibilidades de convívio e de participação, valorizando e garantindo sempre que possível os lugares de fala, seja na seleção de referências, seja na escolha de quem convidamos para realizar ações, formações e programações.

Para avançar e realizar ações sustentando o dissenso, entretanto, é preciso pavimentar os espaços de escuta e partilha de experiências com a clareza de que é preciso agir, praticar e colocar as vozes dissonantes em movimento público. Ouvir e aprender com o outro. Exercitar a atenção, a presença. Estudar o mapa antes de percorrer o caminho, refazer o mapa depois de percorrê-lo. Experimentar mil vezes, registrar, nomear, documentar. Observar e caminhar junto, provocar, instigar, desafiar. Estar no escuro, tatear. Sobrepor mapas, traçar um ponto comum. Voltar ao escuro, tatear e sair novamente para a esfera pública. Todos estes processos simultâneos, marcados por importantes camadas subjetivas, tomam força de acontecimento quando praticados nas seguintes ações e atividades cotidianas dos “educativos”:

Ações e processos de contato com obras, produções e conteúdos artísticos em exibição e seus desdobramentos: circulação pelos espaços expositivos (olhar várias vezes as mesmas obras/ persistir na investigação de uma obra); contato aprofundado com a produção de um artista (encaminhar das informações gerais, genéricas e curatoriais, para um entendimento mais complexo da obra); planejamento e realização de visitas mediadas como experimento discursivo, dialógico e de contato com a arte;

Atividades e pesquisas de caráter pedagógico na mediação cultural: estudos de públicos e estratégias de diálogo com cada faixa etária; seleção e estudo de conteúdos específicos das artes e do patrimônio cultural; dinamização de saberes, seleção de referências e regulação de quantidade de informação para embasar as ações; construção de recursos pedagógicos de aproximação de obras e processos artísticos; realização de pesquisas de fazer aprendendo como fazer; ensinar aprendendo como ensinar; registros de processos reflexivos em diários, relatos, relatórios, imagens, audiovisuais ou atas de reuniões;

Vivências de experimentação de processos artísticos e culturais: partindo de uma compreensão dos processos de artistas como inspiração e investigação

prática; partindo dos processos criativos de artistas-educadores para realizar pesquisas e experimentos de processos artísticos e pedagógicos como modos de subjetivação dos públicos; dimensionar possibilidades éticas de fazer política por meio de ações de mediação que constituem as experiências estéticas, identificar e sistematizar poéticas no limiar da arte e da educação; investigar processos criativos nos espaços expositivos e ateliês (ainda que em espaços temporários) para criar experiências com a arte e propor experimentações poéticas que se realizem nas visitas mediadas, por meio experimentos performáticos como gestos, atos, leituras ou o discurso mesmo em intervenções que envolvam os públicos em acontecimentos de fazer junto.

Propostas de acompanhamento e avaliação de processos de mediação cultural: atividades dialógicas e reflexivas sobre procedimentos individuais e coletivo de construção e criação artísticas; exercício do pensamento reflexivo a partir da avaliação de ações artísticas, sociais, teóricas, processos de escrita de experiência e poesia; acolhimento e viabilização de propostas de educadores-artistas, educadores-sociólogos, educadores-filósofos, arte educadores, educadores-historiadores e outras combinatórias possíveis entre os saberes dos integrantes das equipes educativas dos programas.

A dispersão toma forma em todas estas instâncias como elemento fortalecedor ou enfraquecedor das propostas, a depender da maneira como as atividades ganham ou perdem a adesão de mais ou menos educadores envolvidos, bem como do ritmo dedicado por cada um à realização das propostas.

Dispersão como acesso: o comum e o diverso nos (des)encontros

Costumamos dizer sobre as atividades do programa que “chegar não basta”. É preciso considerar existe em curso no programa uma cadeia de ações e reações passíveis ou não da adesão dos públicos, em processos que podem facilitar ou dificultar os acessos e a participação em instâncias econômicas, sociais, físicas, de comunicação e principalmente no que diz respeito à atitude de acolhimento à diversidade e à pluralidade – dentro das equipes e no endereçamento aos públicos diversos, em consonância com aspectos que desejamos estimular como forma de convívio social. Dentro da perspectiva freiriana, onde educar é um ato político e estético, podemos dizer que o mediador cultural é, portanto, um agente político e cultural da instituição, tendo sua atuação como um importante ato de fortalecimento de processos democráticos a partir da área cultural. A política aqui mencionada está relacionada ao indivíduo social que atua no seio de comunidade

e/ou sociedade, como um articulador, o articulador de diálogo entre a instituição e os públicos.

A regularidade e participação dos públicos, para além de conhecedores das Artes e especialistas, pode se fortalecer com a continuidade de práticas educativas, expandindo a função da instituição cultural para além de seus equipamentos, como produtora e circuladora de saberes, pautas, agendas e conhecimentos de públicos diversos.

Retomando a visão panorâmica da estrutura do programa em que atuamos, podemos finalmente dizer que o desejo de escrever sobre este tema teve origem na constatação empírica de que a falta de nomeação e de reflexão sobre muitas destas dimensões práticas da atuação da coordenação pedagógica (bem como de seus anseios de acesso e ampliação com diversificação de pautas) pode dificultar, em muitas ocasiões, o dimensionamento de recursos necessários ao desenvolvimento do trabalho (tempo, espaço, materiais), conseqüentemente gerando perdas e dispersões de energia empregada nas ações realizadas. Processos assim podem ser geralmente imperceptíveis e embora não prejudiquem o andamento das atividades programadas, tampouco contribuem para processos que levem ao seu enriquecimento.

Considerações finais

Para finalizar, convidamos vocês, leitores plurais, a um exercício de imaginação: que tipo de desenho se daria a partir de nossos deslocamentos, ao caminhar pelos espaços onde praticamos a mediação. Se nossos pés tivessem tinta, que traçados eles deixariam? Na repetição desse caminhar que desenho de percurso eles não trariam? Na caminhada, nesse ir e vir constante, diário, é onde os laços se estabelecem, onde as reflexões são feitas, entre um café, a partilha do lanche, uma reunião de equipe, uma formação, um seminário, num desabafo no banco no jardim. Segundo Certeau (1994), essa forma de relato do cotidiano remete aos mapas de 500 anos atrás, que apontavam um percurso a fazer, e cita também o mapa Asteca, que na realidade está mais próximo de um diário de marcha, um traçado com as distâncias em passos entremeado de acontecimentos, não apenas um mapa geográfico, mas um mapa de ações. O quanto desse percurso, dessa escrita cartográfica, dessas intensidades que se reafirmam e que se firmam, que apontam diversos caminhos a partir da prática diária de agenciar a criação de espaços possíveis. Espaços de diálogo, reflexão, com os educadores, estudantes, outras equipes que habitam o mesmo local (atendentes de galeria, segurança,

equipe de limpeza), analistas, professores, públicos, produtores e curadores. Nas paradas que permitem conversas, risadas, resoluções de conflito ou acolhimento, para ajustar e perceber onde é necessário um olhar mais apurado e cuidadoso. Nesse ir e vir diário perceber para onde essas intensidades apontam, as possíveis construções, outros espaços a serem criados.

Nessas linhas que são feitas e refeitas, quais ideias surgem, que processos são sistematizados e organizados, que desejos são materializados? Feita a coleta dos desejos das diferentes instâncias relacionadas, sejam educadores, comunidade escolar, a instituição, o entrelaçamento com o projeto educativo e como transformar em ações. Lembra muito a música do Dorival Caymmi (1954), *“ô canoeiro bota a rede no mar, ô canoeiro bota a rede no mar, cerca o peixe, bate o remo, puxa a corda, colhe a rede, ô canoeiro puxa a rede no mar”*. Colhendo no mar de desejos, possibilidades e potencialidades, formatos para tornar público, de forma acessível, os diversos saberes. Que passa por marés calmas, turbulentas, que reorganiza o barco após uma tempestade, que também navega em águas cristalinas, que ajuda a enxergar quando as águas estão turvas e consegue também perceber quando seu companheiro de barco precisa tomar fôlego, respirar, quando precisa de um tempo, ou quando está com plena energia. É ter em mente a mistura entre arte, educação e pesquisa, dentro de uma equipe multidisciplinar.

Ainda falando em desejos, o que move todas as ações de uma coordenação pedagógica que faz mediação em todos os âmbitos de sua atuação é a construção dos sentidos, de uma forma honesta para tentar garantir o envolvimento e a presença, afiliados ao desejo e à escuta plena. Nessa busca inteira, pulsante, envolvida e interessada nos seus próprios entrelaçamentos, nos sucessos e não sucessos, que nos fazem refletir, avaliar, repensar, rever, que faz parte de todo processo de pesquisa e descoberta.

Somos criadores de tempos e espaços, para além do tempo cronológico das entregas e programações no espaço. Os tempos são traduzidos em intensidades, em narrativas das potências vivenciadas por cada um. O espaço são os acontecimentos de partilha, de cuidado, de diálogos, de afetos, de provocação, das diferenças, de desafios e descobertas. Espaços efêmeros que se criam e se desmontam, que se transformam, de criação coletiva, que podem existir dentro de uma sala, em um jardim, numa roda de conversas, num café, mas também podem ser estruturados na forma de seminários, grupos de trabalho, chuvas de ideias, formações periódicas.

O espaço do “estar com”, do “fazer junto” com a equipe de educadores, a empatia, (com)partilhar aventuras e na construção desse caminhar junto descobrir direções, potências e enxergarmos as possibilidades de uma construção coletiva e participativa. De acordo com Nancy (2014), o sentido da existência do ser “somos nós”, o “ser-com”, o “ser-uns-com-os-outros” é uma coexistência. O sentido da coexistência não é a relação entre um corpo e o outro, mas os contornos que este “com” assume a cada encontro. Um processo de reconhecimento da importância de cada um, da valorização do que cada um carrega, apontar caminhos possíveis (mesmo que não sejam os sonhados), provocar, promover pequenas reflexões que possam levar ao amadurecimento das ideias, disparar perguntas dentro de uma liberdade de escuta possível para que possam ser transformadas dentro da pesquisa de cada educador, formado ou estudante, em novas perguntas que possam se desdobrar em ações.

Tendo vivido todos estes processos, acreditamos que a coordenação pedagógica pode criar espaços e tempos de troca, de organização do pensamento, de possibilidades de concretização de ideias, de reflexão sobre o que se faz e como se faz, tramando processos de fazer junto – portas adentro e portas afora^v.

Notas

ⁱ O Programa CCBB Educativo - Arte & Educação (<http://www.cbbeducativo.com/>) é um projeto criado pela equipe do JA.CA Centro de Arte e Tecnologia (<https://www.jaca.center/>), com direção geral e artística de Francisca Caporali e Samantha Moreira, patrocinado pelo Banco do Brasil via Lei Rouanet (por processo de seleção via edital público) e realizado nos Centros Culturais Banco do Brasil localizados nas cidades de São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ) e Brasília (DF) desde 2018. Um minucioso processo de acompanhamento de pesquisa integra o trabalho realizado pelos educadores e estagiários, que registram em relatórios escritos e fotografias fragmentos de relatos sobre especificidades das atividades realizadas. O material integra um arquivo geral de práticas de mediação do programa, sediado e salvaguardado pelo JA.CA Centro de Arte e Tecnologia, servindo posteriormente de base para a investigação, criação de textos, formações e estudos de todo o grupo de educadores atuantes no Programa CCBB Educativo Arte & Educação a partir da orientação e do acompanhamento das equipes nacionais de coordenação pedagógica, com o apoio da direção geral e artística do programa.

ⁱⁱ Para contextualizar nosso âmbito de atuação, é importante destacar que falamos a partir de um projeto cíclico, elaborado por uma instituição cultural independente e realizado nos espaços de quatro centros culturais criados por um banco público-privado, patrocinado via edital público, com aporte de recursos possibilitado via lei de incentivo à cultura. O projeto é anual, com possibilidade (mas não certeza) de renovação por até três edições. Em nossa equipe, somamos cerca de 120 pessoas trabalhando de forma direta com o programa, profissionais dedicados às práticas e programações de cada cidade, além dos que se dedicam à comunicação, design, administração e recursos humanos. Somados a estes, há os colaboradores convidados para ações e formações de educadores, os profissionais de interpretação em Libras e os funcionários das equipes de apoio e serviços atuantes nos Centros Culturais, que atuam em diálogo diário com nossas equipes.

ⁱⁱⁱ Para escrever o texto, nos dedicamos a elencar e organizar algumas das principais questões e ações relacionadas ao trabalho desenvolvido pela coordenação pedagógica das equipes, junto dos educadores do programa, buscando evidenciar aspectos e atividades que, embora sejam fundamentais para o desenvolvimento do programa, nem sempre são identificados ou nomeados como parte integrante dos processos de pesquisa, formação, planejamento, realização e avaliação das ações de mediação praticadas.

^{iv} Em torno de doze pessoas por cidade.

^v Em diálogo com a proposta da ANPAP para o encontro de 2020, e considerando o contexto de isolamento causado pela pandemia de COVID 19 que tomou todos os espaços do globo, afetando os profissionais que trabalham em instituições culturais, decidimos tomar o tema das dispersões para, em diálogo com suas potencialidades, estruturarmos nossas reflexões sobre os processos de coordenação pedagógica em que estamos diretamente implicados. Consideramos importante destacar aqui que, conforme veiculado em canais de comunicação de diferentes regiões do planeta (em muitos casos com grande falta de clareza em relação a formas de contratação ou constituição dos departamentos mencionados), muitos educadores de instituições culturais (museus, centros culturais, galerias públicas, projetos cíclicos de mediação cultural) tiveram seus trabalhos interrompidos ou descontinuados devido à crise mundial em decorrência da COVID 19. Os relatos de muitos destes profissionais nas redes de educadores de museus indica uma grande falta de entendimento nas próprias instituições acerca da importância ou das potencialidades dos projetos educativos, em grande parte devido à falta de memória e de arquivos que permitam o resgate do conhecimento produzido por estes profissionais e, por consequência, o reconhecimento da importância de sua função social. A memória institucional, entretanto, precisa de recursos para ser consolidada e estes só chegam quando a instituição cultural reconhece a importância social dos trabalhos que ocorrem em suas dependências ou em seu nome, num circuito que pode parecer um grande paradoxo: recursos para consolidar informações e pesquisa sobre algo que é importante, passam a existir quando algo consegue se mostrar importante. Fazer o trabalho com os públicos é fundamental. Contar dos saberes de experiência deste trabalho, aprimorar suas estratégias, partilhar com a comunidade de educadores de outras instituições, tudo isto constitui o trabalho de mediação cultural e cabe ao coordenador pedagógico localizar e reconhecer, muitas vezes focando nas brechas, os recursos dos projetos em que estão implicados, para posterior partilha destes recursos entre todos os integrantes da equipe.

Isso acontece a partir de escolhas da coordenação de uma equipe, são determinadas geralmente por critérios subjetivos de prioridades, alinhavados nas demandas de um sem fim de produtos culturais (que nas prestações de contas de projetos públicos são denominadas como “entregas”): visitas, materiais de apoio,

atividades de ateliê, programas públicos. Para cada uma destas “entregas”, elencam-se dezenas de “tarefas” de planejamento, preparação, realização, avaliação e pesquisa, sendo as duas últimas muitas vezes relegadas a momentos de “tranquilidade de ofertas” (que talvez nunca existam no contexto das instituições culturais). Pensar em ocupar esses espaços não formais de educação é pensar também na possibilidade da criação de formatos diversos, de formatos experimentais, de uma liberdade de construção coletiva importante para concretização de pensamentos e agendas.

Referências:

CAYMMI, Dorival. **Pescaria (Canoeiro)**. Berlim, Odeon, 1954.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **Sabedorias do coordenador pedagógico: enredos do interpessoal e de (con)ciências na escola**. 2001. 175 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**, vol.1. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1994, p.352.

DOMINGUES, Isaneide. **O coordenador pedagógico e o desafio da formação docente na escola**. 2009. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana de. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 76-91.

NANCY, Jean-Luc. **Arquivada: do senciante e do sentido**. Trad. Marcela Vieira e Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2014. Coleção Contemporâneos. 95 p.

Valquíria Prates

Coordenadora pedagógica nacional do Programa CCBB Educativo - Arte & Educação. Atua como colaboradora de museus, bibliotecas, universidades, escolas e instituições culturais realizando programas de educação, mediação e formação, fazendo curadorias de exposições e organizando publicações. No Instituto de Artes da Unesp, pesquisou processos de trabalho coletivo na tese “Como fazer junto: a arte e a educação na mediação cultural”. Contato: valquiriaprates@gmail.com.

Cauê Donato

Coordenador pedagógico do Programa CCBB Educativo - Arte & Educação (SP). Bacharel em museologia pela Universidade Federal de Ouro (2015). Experiência com museologia social e patrimônio cultural, tanto em instituições culturais quanto em territórios projetos sociais. Contato: caue@ccbbeducativo.com.

Pompea Tavares

Coordenadora Pedagógica do Programa CCBB Educativo (BH). Mestre em Artes na linha de pesquisa Processos de Formação, Mediação e Recepção pela UEMG, apoio CNPq.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Bacharelado em Comunicação Social (2008) e Artes Plásticas (2012). Experiência em Mediação Cultural e Gestão Cultural. Contato: pompea.ccbbeducativo@gmail.com.

Tatiana Duarte

Coordenadora Pedagógica do Programa CCBB Educativo (DF). Mestre em Educação em Artes Visuais pela UnB, apoio CNPq. Licenciatura (2013) e Bacharelado (1998) em Artes Plásticas (UnB). Especialista em Arterapia em Educação e Saúde (2009). Atuação no curso de Licenciatura em Artes Visuais (UnB), modalidade à distância (2013-2020). Experiência em Educação em Arte Visuais na área de Saúde e Social. Desenvolve poética com ênfase no corpo. Contato: tatianaduartebsb@gmail.com.